

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

BRÍCIA BRAGA

**COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS E SUCESSÃO FAMILIAR: UM ESTUDO DE
CASO EM UMA COOPERATIVA DA ZONA DA MATA MINEIRA**

VIÇOSA – MINAS GERAIS
2023

BRÍCIA BRAGA

**COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS E SUCESSÃO FAMILIAR: UM ESTUDO DE
CASO EM UMA COOPERATIVA DA ZONA DA MATA MINEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à
Universidade Federal de Viçosa, para obtenção
do título de Bacharel em Cooperativismo.

Orientador: Prof. Pablo Murta Baião Albino

VIÇOSA – MINAS GERAIS
2023

RESUMO

O meio rural, assim como o urbano, é um ambiente onde concentram atividades que promovem o sustento de muitas famílias, as quais precisam se adaptar às constantes mudanças para que se insiram no mercado e obtenham renda. Uma das dificuldades que muitas famílias enfrentam na zona rural é a falta de interesse dos jovens em dar continuidade às atividades rurais, impedindo a sucessão familiar. Nesse cenário, as cooperativas agropecuárias são organizações relevantes para impulsionar o processo sucessório de seus cooperados. Além de promover o desenvolvimento no meio rural, é importante para a sua própria sobrevivência, portanto, é necessário que mantenha e renove seu quadro social, através da sucessão dos filhos dos agricultores associados. Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo realizar um estudo de caso em uma cooperativa agropecuária da Zona da Mata mineira, a fim de analisar se há projetos/ações que incentivem a sucessão familiar de seus cooperados. Para o desenvolvimento do trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa, com caráter exploratório. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas e análise documental. Verificou-se que a cooperativa possui um quadro social predominantemente idoso e não promove ações de sucessão familiar, tendo como principais motivos o baixo rendimento financeiro, a baixa participação dos cooperados, a existência de pendências e problemas que a cooperativa está passando sendo considerados como prioridade para solucionar e falta de apoio familiar.

Palavras-chave: cooperativas agropecuárias; sucessão familiar; propriedades rurais.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária dos cooperados	16
Gráfico 2 - Faixa etária dos cooperados que se associaram através de cotas transferidas	18
Gráfico 3 - Gênero dos cooperados	19
Gráfico 4 - Estado civil dos cooperados	20
Gráfico 5 - Principal atividade de renda.....	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA	7
3. OBJETIVOS	9
3.1. Objetivo Geral.....	9
3.2. Objetivos Específicos	9
4. REFERENCIAL TEÓRICO	9
4.1. Cooperativismo agropecuário	9
4.2. Sucessão familiar no meio rural e no cooperativismo	11
5. METODOLOGIA.....	13
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
6.1. Descrição da cooperativa.....	15
6.2. Caracterização do quadro social.....	16
6.2.1 Faixa etária.....	16
6.2.2 Gênero	18
6.2.3 Estado Civil	20
6.2.4 Principal atividade de renda.....	21
6.3. Sucessão familiar na <i>Cooper Agro</i>	22
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE.	34

1. INTRODUÇÃO

O meio rural, assim como o urbano, é um ambiente onde concentram atividades que promovem o sustento de muitas famílias, as quais precisam se adaptar às constantes mudanças para que se insiram no mercado e obtenham geração de renda. Uma das dificuldades que muitas famílias enfrentam na zona rural, é o processo sucessório. O processo sucessório diz respeito à formação de uma nova geração de agricultores e à sobrevivência das propriedades rurais, ou seja, passar as responsabilidades do negócio de geração para geração (Abramovay, *et al.*, 1998; Spanevello; Drebes; Lago, 2011).

Porém, o que acontece muito é a saída dos jovens do meio rural para buscar uma nova vida nas cidades, por vários motivos, tais como: más condições de trabalho, incertezas de rentabilidade, busca por autonomia, relações de gênero, interesse educacional, entre outros, levam os jovens a não se interessarem pelo meio rural (Brumer, 2014). Sendo assim, essa problemática da sucessão familiar coloca em risco a sobrevivência das propriedades familiares.

Já fatores como “acesso à terra, educação e lazer, autonomia dentro da propriedade, crédito e políticas públicas de incentivo para instalação como agricultor e estímulo de instituições locais de fomento técnico e extensão rural” facilitam a permanência dos jovens nas propriedades de seus familiares. Além disso, condições de trabalho favoráveis, renda satisfatória e capitalização das propriedades rurais deixam os jovens mais atraídos pelo meio rural (Spanevello; Drebes; Lago, 2011).

Nesse contexto, as cooperativas agropecuárias são instituições relevantes para impulsionar o processo sucessório de seus cooperados. De acordo com Spanevello, Drebes e Lago (2011), as cooperativas possuem responsabilidade social, já que promovem o desenvolvimento no meio rural, e “apenas mantêm e renovam o seu quadro social através da sucessão dos filhos de agricultores (possíveis associados) no lugar dos seus pais (antigos associados)” (Spanevello; Drebes; Lago, 2011).

Sendo assim, o êxodo rural é um tema preocupante para a agricultura e para as cooperativas. Por serem organizações de pessoas, formadas com o intuito de fomentar o desenvolvimento dos seus cooperados e consequentemente, o desenvolvimento rural, as cooperativas agropecuárias necessitam ter um planejamento sobre sucessão familiar e investir na relação entre jovem - meio rural e jovem-cooperativa, garantindo dessa forma, sua sobrevivência e seu principal objetivo, que é melhorar a qualidade de vida do seu quadro social.

2. PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA

O meio rural vem passando por muitas mudanças nas últimas décadas e, com isso, vemos problema da sucessão geracional em propriedades familiares. (Boessio; Doula, 2017, p. 436). Drebes e Spanevello (2017) destacam como as mudanças na agricultura influenciaram a sucessão familiar:

Na agricultura familiar, até meados do século XX, as estratégias sucessórias eram utilizadas com sucesso. Sendo assim, os filhos dos agricultores também se tornavam agricultores (Champagne, 1986). Todavia, com o advento da modernização da agricultura esse cenário se transformou no mundo inteiro. (Drebes e Spanevello, 2017, p. 365)

Através dessas mudanças no meio rural, é perceptível a necessidade de criar novas estratégias de incentivo à sucessão familiar, pois, na atualidade, os jovens filhos de agricultores não se interessam tanto em dar continuidade às atividades familiares, visto que enxergam oportunidades melhores nas cidades, com novas possibilidades, sonhos, profissões, lazeres, tendo como consequência o êxodo rural.

O processo sucessório é complexo, pois envolve planejamento. Nesse sentido, Brizzolla *et al.* (2020) afirmam que “a falta de percepção por parte de quem está no comando da propriedade, sobre o momento certo de se pensar na sucessão, na forma de como planejá-la e implantá-la, poderá comprometer o futuro da propriedade, a qual levou anos para chegar onde está hoje [...]”. Ou seja, é com preparo que o processo sucessório será bem sucedido, e isso é um papel fundamental das cooperativas agropecuárias, auxiliando desde o princípio o produtor a perceber a importância do processo sucessório, e por fim, seus filhos.

Brumer (2000, *apud* Spanevello e Lago, 2007) afirma que há fatores internos e externos às propriedades que levam os jovens a permanecerem nas atividades agrícolas, e um dos fatores externos está relacionado ao acesso às organizações, como as cooperativas. Segundo a autora, se o produtor e sua família têm oportunidade de se associar a uma cooperativa agropecuária, e essa instituição oferece qualificação necessária para ser um agricultor integrado no campo competitivo, há maiores chances de os jovens se interessarem no campo.

Nesse contexto, as cooperativas agropecuárias são organizações consideradas “extensão da propriedade do cooperado”, na visão de Spanevello e Lago (2007, p. 16), pois, permitem que os produtores obtenham crédito, assistência técnica, formação e informação, insumos e outros bens necessários, comercialização, entre outros suportes. Sendo assim, o

produtor consegue aumento na sua renda, diversificação da produção, agregação de valor ao produto, entre outros benefícios.

Assim como os produtores conseguem todos esses benefícios citados anteriormente ao se vincularem em uma cooperativa, tal organização também depende dos produtores para existir, pois existe para atender às necessidades do seu quadro social. Ferreira *et al.* (2023) ressaltam a importância que cada uma das partes desempenha, para que juntos tenham mais benefícios quando uma preza pela prosperidade da outra. Sendo assim, o processo sucessório é também importante para as cooperativas, pois elas dependem da continuidade das propriedades rurais, e, para isso, é importante incentivar os filhos dos cooperados a permanecerem no campo.

A importância das cooperativas agropecuárias pode ser demonstrada por dados do Anuário do Cooperativismo/2023. Conforme o anuário, em 2022, o Ramo Agropecuário abrangia 1.185 cooperativas (com registro ativo à OCB), mais de 1 milhão de cooperados, e quase 250 mil empregos diretos. Esses dados são relevantes para expressar o quanto o setor agropecuário é grande e quanto mais incentivos existirem para os cooperados e sua comunidade, principalmente seus filhos, maiores serão esses números.

Partindo desse pressuposto, as cooperativas são organizações responsáveis pelo desenvolvimento de seus cooperados e também possuem como um de seus princípios o interesse pela comunidade, ou seja, valorizam o local e as comunidades próximas. Dessa forma, as cooperativas agropecuárias devem promover ações para incentivar o processo sucessório, visando o desenvolvimento dos cooperados, desenvolvimento local e, não menos importante, sua sobrevivência, pois se os filhos dos cooperados deixarem a zona rural, a longo prazo a cooperativa caminhará para o fracasso, pois se não manter seu quadro social pode não ter mais sentido de existir.

Em meio a este cenário, nota-se a importância das cooperativas no processo de sucessão familiar, através de ações, programas e projetos, visando a permanência dos jovens nas propriedades da família, a fim de continuarem com o desenvolvimento de si próprios e da organização cooperativa. Sendo assim, esse estudo de caso foi realizado em uma cooperativa agropecuária, localizada na Zona da Mata mineira, criada inicialmente para beneficiar os produtores de cana, e tem como principal atividade a comercialização de fertilizantes para os produtores rurais. Portanto, esse estudo busca uma resposta para a seguinte pergunta: A cooperativa agropecuária da Zona da Mata desenvolve projetos, programas e ações que incentivem a sucessão familiar?

A escolha do tema se deve à importância de analisar se as cooperativas estão desempenhando o papel de promover o desenvolvimento para seus cooperados e comunidade, se há ações ou projetos para estimular a permanência dos jovens no meio rural e se há resultados. A cooperativa em estudo foi escolhida por ser da região e demonstrar acessibilidade e disponibilidade para a pesquisa. Para conservar a identidade da cooperativa, será utilizado um nome fictício, sendo ele *Cooper Agro*.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Verificar se há projetos, programas e ações que contribuem para a sucessão familiar em uma cooperativa agropecuária da Zona da Mata mineira.

3.2. Objetivos Específicos

- a) Analisar o perfil da cooperativa;
- b) Compreender como é sua relação com os jovens filhos dos produtores;
- c) Identificar os fatores que impedem ou facilitam os processos de sucessão.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. Cooperativismo agropecuário

As cooperativas são organizações que visam o desenvolvimento e sustentabilidade de seus cooperados, e, conseqüentemente, da região em que estão inseridos. Conforme a OCEMG, o ramo agropecuário abrange cooperativas de produtores rurais, que fornecem vantagens a seus cooperados, tais como:

[...] têm como finalidade organizar a produção de seus associados em maior escala, garantindo melhor preço na comercialização dos produtos. Visa também integrar e orientar as atividades dos produtores, além de facilitar a utilização recíproca dos serviços (adquirir insumos, dividir custos de assistência técnica, entre outros) e a eliminação do atravessador para vender a produção dos cooperados diretamente ao consumidor.

As cooperativas agropecuárias concedem agregação de valor aos produtos dos cooperados, visto que, “isoladamente, não teriam capacidade para competir nos mesmos níveis” (Spanevello e Lago, 2007, p.11). Os autores ressaltam que tais organizações atuam buscando maior produtividade e rentabilidade às atividades desenvolvidas pelos seus associados, visando o aumento da renda familiar, além de cumprir um papel social de

grande relevância.

O ramo agropecuário tem grande destaque, visto que participa das exportações e abastece o mercado interno. As cooperativas agropecuárias além de auxiliar na comercialização dos produtos dos seus cooperados, também fornecem insumos, adubos, instrumentos de produção, entre outros produtos. A fim de ajudar no desenvolvimento de seus cooperados, essas organizações também prestam serviços “desde assistência técnica, armazenamento, industrialização e comercialização dos produtos, até a assistência social e educacional aos cooperados”. (Gonçalves, 2011, p. 3)

Portanto, é notória a importância que as cooperativas agropecuárias têm para seu quadro social, principalmente aquelas que participam desde o começo do processo produtivo, colheita, armazenamento, industrialização até à comercialização. Para agregar valor a esses produtos, a cooperativa precisa ter “estrutura para tal e grande eficiência técnica gerencial, pois delas depende a remuneração dos produtores cooperados”. (Gonçalves, 2011, p. 3)

As cooperativas agropecuárias podem atuar em vários segmentos, segundo o Anuário do Cooperativismo/2023, podendo atuar em mais de um.

As cooperativas do ramo possuem atuação econômica destacada em sete segmentos: insumos e bens de fornecimento; produtos industrializados de origem animal; produtos industrializados de origem vegetal; produtos não industrializados de origem animal; produtos não industrializados de origem vegetal; serviços; e escolas técnicas.(ANUÁRIO COOPERATIVISMO, 2023).

As cooperativas comercializam a produção dos seus cooperados, mas também podem adquirir a produção de terceiros, a fim de aumentar o estoque. Segundo a Lei 5.764/71

Art. 85. As cooperativas agropecuárias e de pesca poderão adquirir produtos de não associados, agricultores, pecuaristas ou pescadores, para completar lotes destinados ao cumprimento de contratos ou suprir capacidade ociosa de instalações industriais das cooperativas que as possuem. (Brasil, 1971)

Um benefício relevante que as cooperativas agropecuárias proporcionam, é o desenvolvimento rural, pois, segundo Boessio e Doula (2017, p. 436), “são instituições que podem participar e influir diretamente no cotidiano das atividades produtivas de seus integrantes, com vistas a gerar ganhos econômicos e melhorias na qualidade de vida”. O fato de oferecer recursos a seus cooperados e terem como princípio o compromisso com a comunidade, as cooperativas agropecuárias influenciam no desenvolvimento rural como um todo.

As autoras concluem que “assim, no meio rural, as cooperativas caracterizam-se como uma extensão da propriedade familiar” (Ibidem). Nesse sentido, Spanevello e Lago (2007, p. 13) mencionam vantagens que as cooperativas agropecuárias oferecem, tais como: assistências, acesso a tecnologia, insumos, capacitação, informação, acesso ao crédito, entre outros serviços e suportes prestados, e isso acaba influenciando para que os filhos dos cooperados se interessem na instituição também.

Nesse estudo de Spanevello e Lago (2007, p. 13), os autores concluíram que a cooperativa dá suporte para o desenvolvimento das atividades rurais, promovendo melhoria nos aspectos produtivos e administrativos da propriedade. Sendo assim, essa gama de serviços prestados pelas cooperativas agropecuárias possibilita que o produtor rural, principalmente o pequeno produtor, tenha acesso ao mercado, à informações, melhorias da produção, e, com isso, desenvolva sua produção e, conseqüentemente, a comunidade em que está inserido.

4.2. Sucessão familiar no meio rural e no cooperativismo

Estudos de Santos e Kieling (2020, p. 49) apontam que as cooperativas possuem uma escassez de cooperados jovens, e, além disso, os jovens possuem pouco interesse em dar continuidade às atividades da família e continuar no meio rural, e um dos principais motivos para que isso aconteça é a atratividade do meio urbano, o qual oferece diversas possibilidades de geração de renda e lazer.

As autoras também mencionam que, além de ser um fator preocupante às famílias e suas propriedades, essa falta de sucessão familiar é prejudicial também às cooperativas. As cooperativas prestam serviços a seus cooperados, mas sem a participação e desempenho deles, é difícil que elas continuem se desenvolvendo, portanto, sem a sucessão familiar, a tendência é que o quadro social vá diminuindo ao longo do tempo.

Segundo Abramovay (1998), a permanência dos jovens no meio rural depende de sua valorização, de incentivá-los a assumir papéis decisórios, avaliando alternativas de melhorar a produção e aumentar o retorno financeiro. As cooperativas têm ou deveriam ter esse papel, de valorizar o jovem na sucessão familiar.

Conforme Santos (2019), a participação dos jovens nas propriedades familiares pode potencializar as atividades, considerando que eles podem melhorar os processos produtivos com as experiências obtidas na vivência na cidade. A saída dos jovens para o meio urbano pode ser estratégias das famílias, objetivando garantir a continuidade do

estabelecimento, pois a saída de alguns filhos pode significar a complementação da renda familiar.

O autor complementa que, ao se tratar de agricultura familiar, a propriedade é pequena e não tem capacidade de agregar todos os filhos e suas respectivas famílias, e, portanto, estabelece-se apenas um filho para herdar a terra e dar continuidade aos trabalhos. Enquanto isso, os outros filhos são incentivados a buscar renda na cidade ou em outras atividades fora da propriedade (Santos, 2019, p. 62).

Segundo Lotério (2022), os novos padrões da sociedade possibilitam muitas oportunidades aos jovens e eles preferem não seguir o destino dos pais.

[...] Há novos horizontes de possibilidades, e multiplicam-se (como também se extinguem) profissões, também por conta do advento e da evolução do mundo globalizado e cibernético. Se antes o filho de agricultor tendia a ser agricultor, os novos padrões de conformação da sociedade atual estão a possibilitar um novo olhar para o mundo, onde as gerações mais recentes passam a ter acesso a maior período de estudos do que seus pais. O modo de vida e os valores culturais urbanos passam a chegar de forma mais rápida ao mundo rural, pois a melhoria dos meios eletrônicos possibilitou que cada um se tornasse repórter de si mesmo, de acordo com o que presenciamos nas redes sociais. (Lotério, 2022, p. 73)

Brumer (2014) afirma que há diferenças na sucessão em relação às condições da família. A autora conclui que

A transferência das responsabilidades pela administração (gestão) dos estabelecimentos agrícolas familiares e do poder (e capacidade) de utilização do patrimônio depende das condições econômicas da família – propriedades maiores ou menores, atividades mais ou menos rentáveis, maior concentração ou diversificação de atividades –, do número de filhos (e de herdeiros), do nível educacional e da qualificação profissional do (s) herdeiros (as), da forma como os jovens são inseridos nas relações familiares e de suas aspirações profissionais. (Brumer, 2014, p. 223)

Outro fator que contribui para o êxodo rural, conforme Brumer (2014), é a preferência pela gestão masculina nos estabelecimentos agrícolas, desde a tomada de decisão em relação aos produtos agropecuários até a participação em cooperativas e sindicatos. Além disso, os jovens participam do processo produtivo como membros da família, ou seja, geralmente não têm renda própria. Isso pode ser explicado pela falta de incentivo da família a colocar os jovens em todas as atividades relacionadas às propriedades, para dividir funções e eles seguirem por esse caminho no futuro.

Em seus estudos, Boessio e Doula (2017) afirmam que as cooperativas são importantes para o processo de sucessão familiar, pois contribuem para o fomento da aprendizagem que promova conhecimento de novas técnicas, em especial para a

sustentabilidade econômica e ambiental da produção e a inserção das mulheres e jovens na gestão.

[...] defende-se aqui que a instituição cooperativa assuma o desafio de se tornar uma ferramenta de auxílio para a instituição familiar, pois durante suas várias atividades pode incentivar a abertura dos canais de diálogos entre as gerações e ainda mostrar para os seus cooperados a importância do preparo de um sucessor. (Boessio e Doula, 2017, p. 443-444).

Sendo assim, a sucessão familiar é um processo que deve ser influenciado pelas cooperativas, por meio de ações, projetos ou programas, visando maior integração dos jovens nos espaços rurais e evitando o êxodo rural e o envelhecimento no campo, e consequentemente a paralisação das atividades, até mesmo porque isso levará ao fracasso da cooperativa.

Conforme Lotério (2022), a sucessão familiar deve ser tratada como um processo, e não somente como uma herança:

Desse modo, sucessão familiar não deve ser encarada de maneira casual ou apenas como um direito à herança patrimonial, mas consoante com um processo de transferência de legado pessoal, familiar, ambiental, financeiro, social e sustentável. A própria palavra “familiar” soa como algo caseiro, pessoal, íntimo e privado, estando afeta ao domínio de cada unidade familiar. À vista disso, percebe-se que a sucessão familiar abarca tudo o que está dentro e fora da propriedade, ou seja, os bens patrimoniais e o conceito de família e atividade desenvolvida. (Lotério, 2022, p. 23)

O autor complementa que herdeiros todos os filhos são, mas o sucessor é aquele que deve ter serventia técnica, cultural, espiritual e gerencial. Além disso, nem sempre é conveniente que o sucessor tenha as mesmas ideias que seus pais, pois a propriedade precisa de inovação. (Lotério, 2022, p. 64).

Lotério (2022) ressalta que o fato de entidades públicas e privadas, como as cooperativas, demorarem a estruturar um plano de formação de sucessores, pode influenciar na saída dos jovens do campo para buscar melhores condições de vida nas cidades. Além disso, a falta de diálogo entre pais e filhos também pode influenciar nessa decisão dos jovens, portanto, o autor afirma que é necessário “fazer surgir um diálogo intergeracional e cooperativo dentro das propriedades rurais familiares, onde o tema da sucessão possa ser encorajado e bem administrado”. (Lotério, 2022, p. 71).

5. METODOLOGIA

Baseando-se no objetivo proposto no presente trabalho, que é realizar um estudo de caso, esta pesquisa teve caráter exploratório, pois, segundo Gil (2002), as pesquisas

exploratórias “envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso”. Quanto à abordagem, foi uma pesquisa qualitativa, já que é um método que possibilita “estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. (Godoy, 1995, p. 21).

Por ser um estudo de caso, também foi uma pesquisa descritiva, já que houve descrição da cooperativa e do perfil de seus cooperados, e o estabelecimento de relações entre as variáveis que influenciam ou não a cooperativa a realizar ações/projetos para a sucessão familiar. Gil (2002) salienta que neste grupo também estão as pesquisas que levantam opiniões, atitudes e crenças de uma população, e são realizadas por meio de entrevistas/questionários.

Por fim, a pesquisa se caracteriza como pesquisa documental também, pois utilizou-se documentos da cooperativa para serem analisados e complementar os dados coletados. De acordo com Godoy (1995, p. 21), essa abordagem é utilizada em pesquisas qualitativas e tem objetivo de contribuir para uma melhor compreensão do problema investigado, considerando que os documentos são considerados importantes fontes de dados.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas e análise documental. As entrevistas semiestruturadas são realizadas através de um roteiro, porém são flexíveis, permitindo que sejam feitas adaptações no decorrer das respostas. (Ludke e André, 1986, p. 34). Dessa forma, é possível conseguir mais informações do entrevistado, visto que a partir das respostas podem surgir novos questionamentos. As entrevistas foram feitas presencialmente com o diretor presidente e a assistente administrativa, pois são os envolvidos no dia a dia da cooperativa.

A análise documental foi realizada através da consulta de documentos como atas; estatuto; fichas cadastrais dos cooperados, para buscar informações a respeito do perfil do quadro social da cooperativa, como idade, gênero, estado civil, profissão e histórico de transferência de cotas; livro da cooperativa, para investigar informações sobre sua fundação.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção serão apresentados os dados referentes à descrição da cooperativa, como também os dados coletados através da entrevista e análise documental, no que se

refere à sucessão familiar. Foi feita uma análise a partir de discussões sobre a problemática da sucessão familiar, relacionando a prática desse trabalho com a teoria existente.

6.1. Descrição da cooperativa

A *Cooper Agro* foi fundada em 11 de março de 1943, e possui sede em uma cidade da Zona da Mata mineira. Ela atua na atividade agrícola, tendo como foco principal a cana de açúcar, fornecendo fertilizantes para seus cooperados com um preço mais acessível. Tais fertilizantes também são vendidos para terceiros que não estão vinculados à cooperativa. A organização também auxilia os cooperados com o fornecimento de tratores e máquinas carregadeiras para o corte de cana por um preço menor, porém não comercializa a produção do cooperado. Além dos fertilizantes, a cooperativa também comercializa facões para o corte de cana. Na pandemia, devido à alta nos preços, decidiu parar com a comercialização de herbicidas e investir apenas nos fertilizantes.

Em relação à comercialização da produção, apesar de conter em seu estatuto, Art. 2º, que tem como objeto social “a comercialização, o transporte, o beneficiamento e a embalagem de produtos agrícolas e pecuários”, o cooperado entrega a sua produção à uma usina que tem convênio com a cooperativa (não necessariamente todos), ou comercializam de outras formas, sem vínculo com a cooperativa.

Seu quadro social é composto atualmente por 264 cooperados que se dedicam às atividades agrícolas dentro da área de atuação da cooperativa, que abrange todo o território de Minas Gerais. Atualmente, há cooperados dos seguintes municípios: Ponte Nova, Urucânia, Oratórios, Santa Cruz do Escalvado, Piedade de Ponte Nova, Jequeri, Contagem, Santo Antônio do Gramma, Rio Casca, Dona Euzébia, Belo Horizonte, Rio Doce, Sem Peixe, Piscamba, Amparo do Serra, Dom Silvério e Guaraciaba. Em relação ao quadro de colaboradores, há somente três: dois auxiliares de serviços gerais e uma assistente administrativa.

Inicialmente, a cooperativa foi criada com o principal objetivo de incentivar a produção dos produtores de cana da região da Zona da Mata. Na sua Assembleia Geral de constituição, haviam mais de quarenta agricultores presentes, aprovando a sua fundação. Em 1975, a área de atuação da cooperativa se expandiu para o estado de Minas Gerais inteiro e, atualmente, não necessariamente o produtor precisa cultivar a cana, basta apenas ser produtor, podendo cultivar outras culturas.

A *Cooper Agro* tem uma parceria com uma associação de plantadores de cana da região, que foi fundada em 1970. Nesta época, o presidente da cooperativa era o mesmo da associação e ambas estreitaram relações para beneficiar os produtores de cana. Atualmente, essa parceria se baseia na comercialização de fertilizantes para os produtores da associação (que também fornecem a produção para a usina) e apoio financeiro quando a associação precisa.

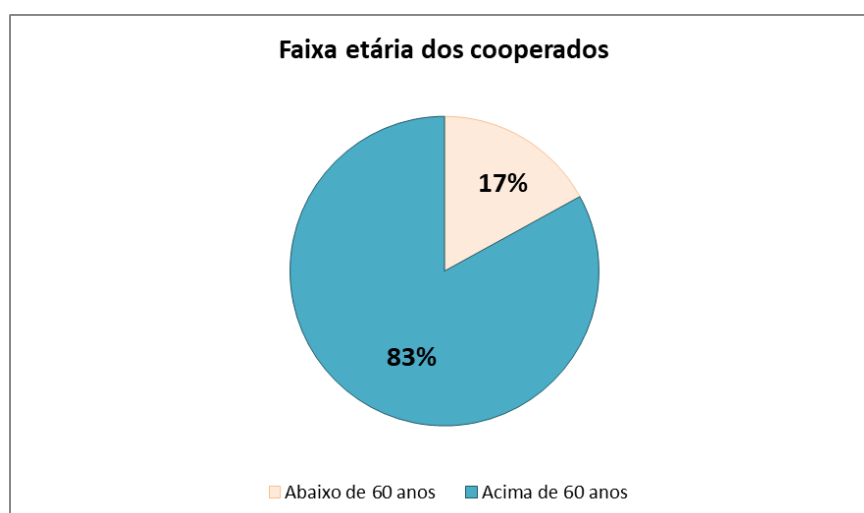
6.2. Caracterização do quadro social

Antes de realizar a entrevista, foi necessário coletar dados sobre o perfil da cooperativa, através de documentos que forneciam informações sobre os cooperados. A caracterização do quadro social é importante para analisar aspectos relacionados ao processo sucessório ou a falta dele na cooperativa, visto que o perfil dos cooperados pode revelar a importância dessas ações, a urgência de serem realizadas, entre outros aspectos. Essa análise também foi importante para conhecer a cooperativa e conduzir a entrevista.

6.2.1. Faixa etária

Inicialmente, foi realizado um levantamento a partir das fichas cadastrais dos cooperados, a fim de identificar a porcentagem de idosos (acima de 60 anos) e não idosos. A partir da quantidade de idosos que a cooperativa possui, reforça-se ainda mais a importância de ações de sucessão familiar rural. O gráfico 1 representa os resultados da faixa etária dos cooperados.

Gráfico 1 – Faixa etária dos cooperados



Fonte: Elaboração própria (2023)

Nota-se que a maioria do quadro social da *Cooper Agro* é composto por idosos (aproximadamente 83%), enquanto o restante tem abaixo de 60 anos. A predominância de idosos na cooperativa foi relevante para dar início ao primeiro questionamento: “Há algum projeto de sucessão familiar, para que os herdeiros dos cooperados sejam futuros cooperados?”. Em entrevista com o presidente, o mesmo afirmou que não há:

Estamos tentando fazer isso, mas não estamos conseguindo, porque estamos passando por algumas dificuldades devido à falta de rendimento dos produtores rurais. A cooperativa está contribuindo muito para dar sustentação financeira para eles, tentando um adubo mais barato, ajudando de algumas formas. (Entrevistado 1).

Nenhum dos cooperados possuem menos de 30 anos e somente 2 possuem entre 30 e 40 anos. Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Rosa e Silva (2010), na Cooperval (Paraná), em que 51,76% do quadro social tem acima de 60 anos, tendo como conclusão que os cooperados entre 20 a 40 anos merecem um cuidado maior por parte da cooperativa no desenvolvimento de suas atividades agrícolas, econômicas, culturais e de capacitação, para que assim surja interesse na continuidade da agricultura. Houve uma semelhança também nos estudos de Porto *et al.* (2006), em que nenhum cooperado tinha menos de 20 anos no momento da pesquisa. Os autores definem esse desinteresse dos jovens como um problema que pode comprometer a cooperativa, e que tal grupo pode ser importante para levar ideias novas e modernas, tornando a cooperativa mais competitiva no mercado.

Desse modo, visando a existência da cooperativa, o presente estudo desperta também uma necessidade de um planejamento de sucessão, a fim de renovar seu quadro social, como também trazer ideias modernas para a gestão da organização e da agricultura. Tal fato também faz parte da visão do diretor presidente:

Estou querendo trazer jovens para a diretoria. Esse tema que você está fazendo sua pesquisa é minha preocupação. Se tivesse um jovem interessado na diretoria, eu ia até sair e dar o cargo pra ele, ficar de fora, eu ia ser uma espécie de conselheiro para ajudar. (Entrevistado 1).

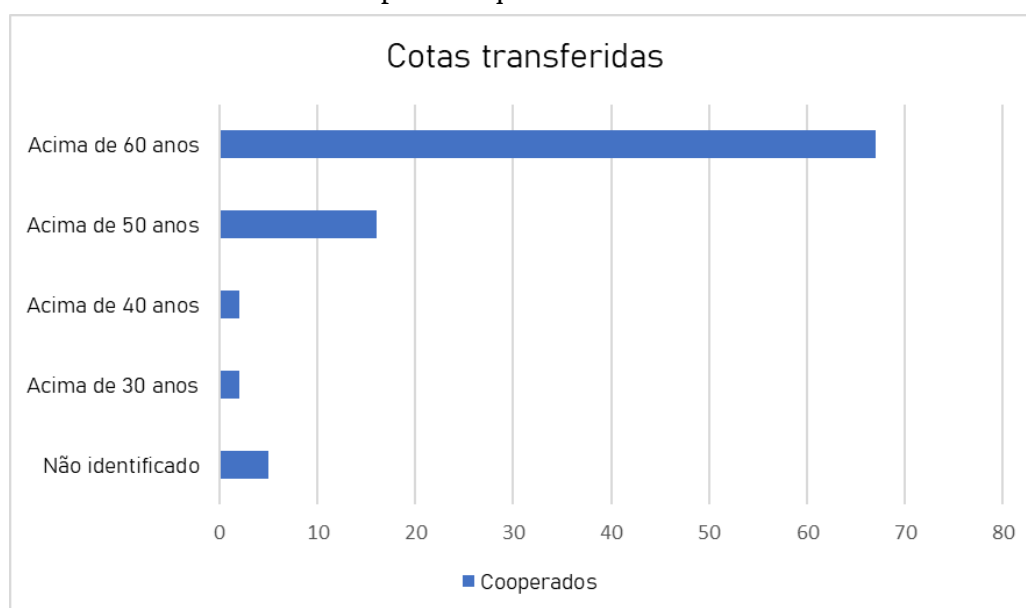
Ao buscar informações dos cooperados através da análise documental, pôde-se perceber que alguns deles se associaram à cooperativa através de uma quota já existente, em que o titular havia falecido, mas esse interesse está diretamente ligado à remuneração.

As cotas são transferidas quando o cooperado morre e o familiar aparece achando que vai receber alguma coisa e acaba se tornando cooperado. Em

2018houve um recadastramento, porque como a cooperativa é mista, abrange todas as cidades da Zona da Mata, então tinha muito cooperado inativo, e depois desse processo ficou somente os que produzem. Antes só de ter terra já podia ser cooperado, então atualmente permanece aqueles que plantam, ou que tem terra mas arrendam para alguém. (Entrevistada 2).

Ao analisar as cotas transferidas, as idades dos novos cooperados foram importantes para averiguar o interesse dos jovens. Porém, o resultado indica que a maioria dos familiares que se vinculam à cooperativa na cota de algum ente que já faleceu, ainda são idosos, como pode ser contemplado no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Faixa etária dos cooperados que se associaram através de cotas transferidas.



Fonte: elaboração própria (2023)

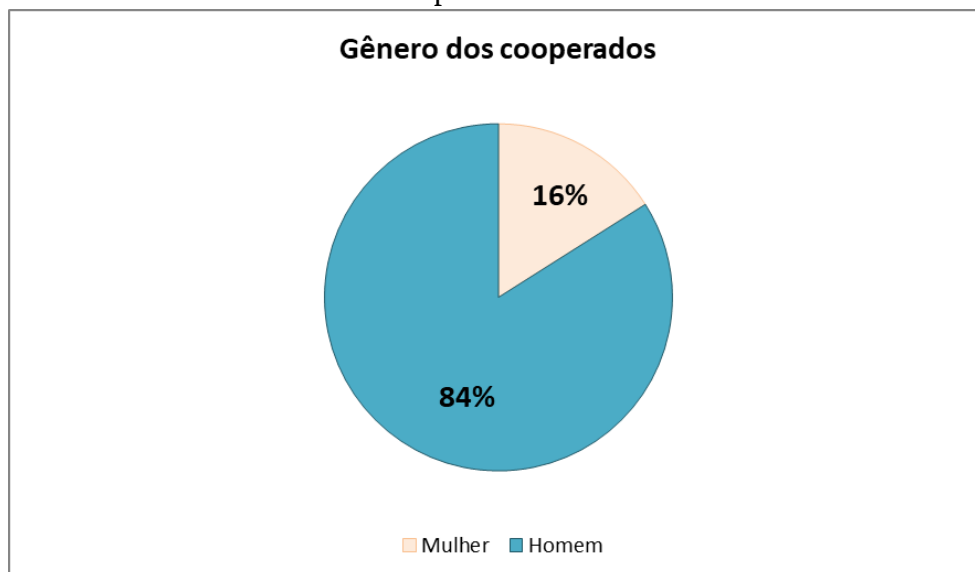
Dos 92 indivíduos que se tornaram cooperados através da transferência de uma cota já existente, seja filho (a), esposo (a), ou qualquer outro familiar, apenas 4 têm entre 30 e 40 anos. Acima de 50 anos são 16 cooperados e 67 cooperados que se vincularam à cooperativa em 2018, através da transferência de uma cota, são idosos (possuem acima de 60 anos). Ou seja, a transferência de cotas não é um fator onde se pode notar a presença de jovens também, visto que aproximadamente 73% dos novos cooperados após o recadastramento de 2018 são idosos.

6.2.2. Gênero

Além de o quadro social ser composto em maioria por idosos, há uma predominância de cooperados do gênero masculino, que pode ser observado no Gráfico

3. Especular esse tipo de informação é importante para identificar o interesse/incentivo das mulheres na propriedade.

Gráfico 3 – Gênero dos cooperados



Fonte: Elaboração própria (2023)

O afastamento das mulheres do campo associa-se à cultura de que elas não podiam se integrar aos negócios da família, seja na área rural ou na urbana, como também não podiam ser sócias de sindicatos, cooperativas, etc. Essa desvalorização e a cultura de que “agricultura não é para mulher” torna o campo um ambiente em grande maioria masculino. (Lotério, 2022, p. 74).

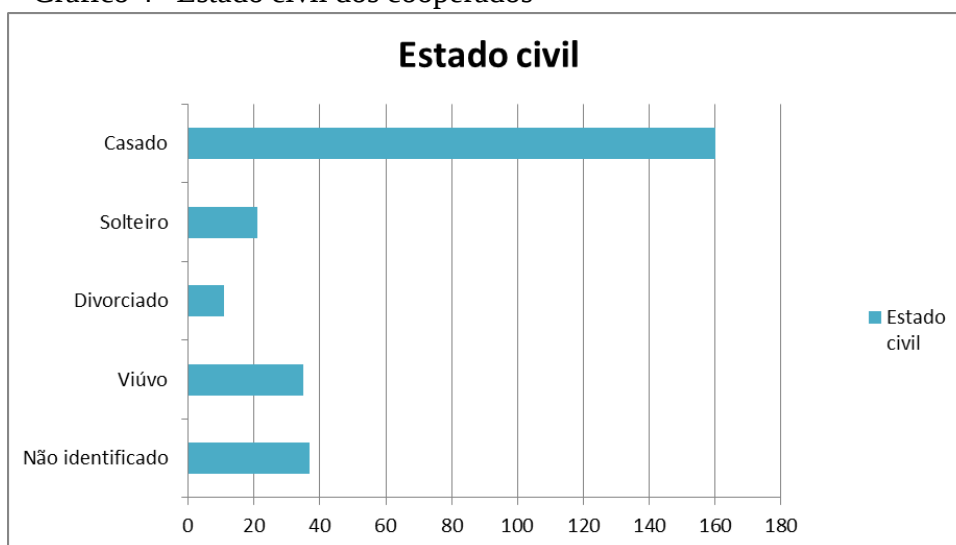
Não é diferente na cooperativa agropecuária em estudo, visto que 84% do seu quadro social é do gênero masculino. A cooperativa não proporciona ações específicas para as mulheres, que possam empoderá-las e enraizar essa cultura, tem um quadro social masculino, e as poucas cooperadas que tem são os filhos que se encarregam de realizar as atividades, como comprar adubo e dar sequência na produção. Essa falta de incentivo às mulheres se interessarem no campo dificulta o processo sucessório para os cooperados que só possuem filhas, diminuindo a possibilidade do crescimento do quadro social.

Na pesquisa de Rosa e Silva (2010), os autores também encontraram um quadro social predominantemente masculino, com 89,66% de homens e apenas 10,34% de mulheres. Porto *et al.* (2006) identificaram em seus estudos uma participação extremamente baixa das mulheres na cooperativa, sendo um quadro social acima de 80% composto por homens nos três municípios estudados.

6.2.3. Estado civil

Outra característica que pode ser observada no quadro social é o estado civil dos cooperados, em que a quantidade de casados sobressai, como representado no Gráfico 4. Com essas informações é possível identificar se os cooperados são casados, já que há uma tendência maior a terem mais responsabilidades, uma vez que são mais propensos a formarem família, necessitando, assim, de buscarem uma fonte de renda. Além disso, há uma tendência maior em terem sucessores.

Gráfico 4 - Estado civil dos cooperados



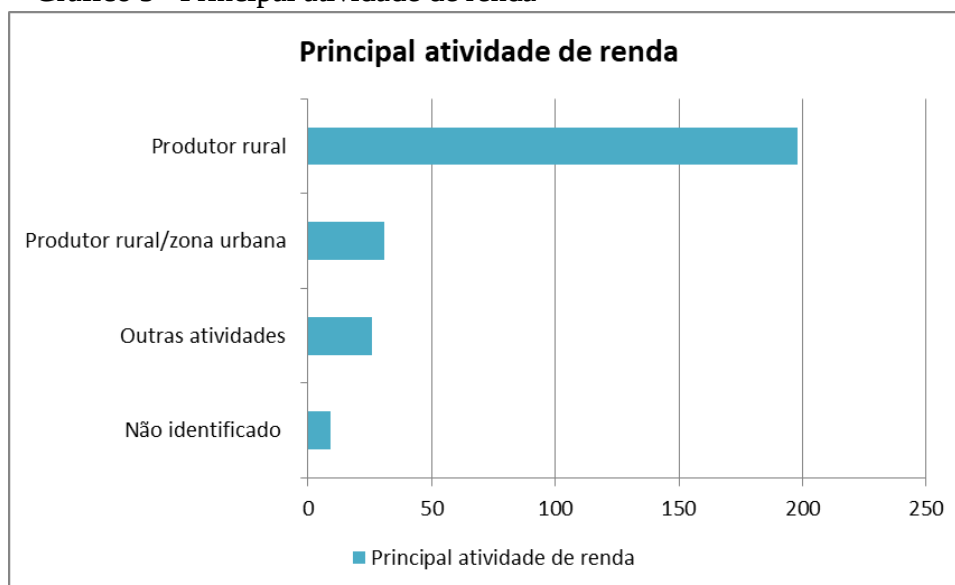
Fonte: elaboração própria (2023)

Porto *et al.* (2006) afirmam que os produtores casados representam traços culturais da zona rural, e os solteiros e divorciados caracterizam uma pequena parcela desta população. Isso indica que é comum que as famílias no campo sejam formadas por configurações antigas, onde se respeitam-se os valores tradicionais da união matrimonial. Na presente pesquisa não foi possível identificar quantos cooperados casados possuem filhos, porém, a predominância de cooperados casados indica a presença de traços culturais antigos da zona rural, em que os filhos seguem os mesmos caminhos que os pais na agricultura. O fato de os filhos dos cooperados não se interessarem pelas atividades do campo atualmente pode ser explicado pelas mudanças da agricultura e diversos outros motivos que tornam as cidades mais atrativas. Além disso, há a ausência de um fator significativo: ações de incentivo à sucessão familiar oriundas da cooperativa.

6.2.4. Principal atividade de renda

O Gráfico 5 exibe a principal atividade de renda dos cooperados, a fim de verificar quantos deles têm a produção rural como principal geração de renda.

Gráfico 5 - Principal atividade de renda



Fonte: elaboração própria (2023)

A grande maioria dos cooperados (75%) tem como atividade principal de geração de renda a produção rural, ou seja, dependem do campo para sobreviver. Já 21,6% do quadro social não tem a propriedade como única fonte de renda, pois nesse grupo estão reunidos cooperados que são produtores rurais, mas residem na zona urbana (o que leva a consideração de que realizam outras atividades, além de alguns serem aposentados) e os que possuem outras profissões, como: engenheiro agrônomo, médico veterinário, confeiteiro, contador, advogado, empresário, gestor ambiental, entre outras. Apenas 3,4% dos cooperados não apresentaram em suas fichas de cadastro a sua profissão.

Sendo assim, visto que a maior parte dos cooperados encontram nas atividades rurais sua geração de renda, a cooperativa é uma forma de auxiliá-los a manter-se. Porém, a ausência de ações de sucessão familiar faz com que exista uma tendência de redução dos produtores rurais e um aumento na porcentagem de outras profissões, tornando uma grande preocupação, uma vez que irá atingir diretamente a cooperativa, gerando uma redução significativa no seu quadro social. É natural que os produtores que possuem renda apenas com as atividades agrícolas sejam mais ativos na cooperativa, enquanto aqueles que possuem outras profissões e residem na área urbana, não se

envolvam tanto. Entretanto, é um quadro que ainda dá tempo de reverter, com uma boa gestão para criar estratégias e realizar um bom planejamento de incentivo aos jovens na agricultura.

6.3. Sucessão familiar na Cooper Agro

Após a alegação de que não há ações de sucessão familiar na cooperativa, os entrevistados demonstraram uma preocupação em relação ao tema. Apesar dos desafios que a cooperativa enfrenta no momento, o presidente considera importante a realização dessas ações para envolver o jovem na agricultura e na instituição.

Importantíssimo fazer isso! Nós precisamos de uma política de governo também, porque sozinhos não vamos conseguir, mas que é necessário é. É uma preocupação muito grande, pois a maioria das pessoas que estão no campo são idosas, as famílias não estão acompanhando não, está tendo muita evasão. (Entrevistado 1).

Há o reconhecimento de ambas as partes da importância do jovem no meio rural, e conforme a entrevistada 2, essa valorização deve acontecer como um todo, não somente por meio das cooperativas.

Para continuar com a cultura do jovem no campo, seria interessante a população como um todo dar mais valor do que sai de lá. Nós sempre seremos a cultura que planta para comer então, os propósitos têm que ser enaltecidos e reconhecidos conforme a devida importância. Qualquer atividade mal reconhecida gera desinteresse por mais necessária que seja. (Entrevistada 2).

Apesar de considerarem importante o tema e ponderar sobre a necessidade de programas para fomentar a participação dos cooperados e suas famílias, os entrevistados relataram que os filhos não estão tendo interesse em substituir seus pais nas atividades rurais. Segundo o Entrevistado 1, “são raros os filhos dos cooperados que demonstram interesse na cooperativa e se tornam novos associados”.

Nesse contexto, os entrevistados foram questionados quais são os desafios que dificultam essas ações, e as respostas foram: baixa participação dos cooperados, a situação financeira da cooperativa, falta de políticas públicas, falta de apoio familiar. Nesse sentido, Lotério (2022, p. 71) corrobora que a carência de sucessores e a baixa população de jovens no campo está relacionada à falta de incentivo e preparo, além de dificuldades econômicas e razões culturais. Isso estimula o esvaziamento do campo e ameaça o futuro da agricultura familiar.

Como fator crucial para que os filhos não tenham interesse na agricultura e,

consequentemente, na cooperativa, foi relatado pelo presidente que é a questão financeira. Em sua opinião, a agricultura para o pequeno produtor tem sido pouco rentável e isso desestimula os produtores, e, principalmente os jovens, que podem buscar outras oportunidades. Também enfatiza que o governo pouco faz para auxiliar os pequenos produtores, e acaba sendo difícil para a própria cooperativa conseguir fazer um bom trabalho. Tais aspectos foram identificados nos estudos de Boessio *et al.* (2017), em que quase todos os entrevistados mencionaram que a falta de infraestrutura para o setor agropecuário no país e a rentabilidade econômica são considerados obstáculos. O presidente da *Cooper Agro* também afirmou que não está tendo infraestrutura, e isso dificulta o andamento da cooperativa.

Como relatado, a baixa participação dos cooperados também é um fator que desestimula ações com foco nos jovens, pois, segundo o presidente, a prioridade é estimular e beneficiar os cooperados atuais. Para essa relação entre cooperado e cooperativa dar certo e ser algo benéfico que estimule toda a família a se envolver, Lotério (2022) afirma que a agricultura e o cooperativismo não deveriam ser tratados somente como um negócio, mas sim um recomeço, pois a cooperativa é uma organização que fornece segurança e estabilidade aos negócios e geração de renda com base nas pessoas.

Quando indagados se o envelhecimento dos associados pode afetar negativamente a continuação da agricultura e a existência da cooperativa, a resposta foi afirmativa: “Tranquilamente! É um dos problemas sérios que a cooperativa tem em mente, que é a substituição do seu quadro social.” (Entrevistado 1).

Foi identificada, portanto, uma preocupação com o tema agora que o quadro social está predominantemente envelhecido. Porém, como as dificuldades financeiras atrapalham nas questões de incentivo, a maior preocupação no momento é dar suporte aos produtores que já são cooperados, e depois pensar em como conseguir que os filhos se interessem. Ao mesmo tempo, o presidente afirma que quer um jovem na diretoria para levar ideias novas, mas está difícil conseguir.

A entrevistada 2 argumenta que jovens muitos novos na diretoria não seriam tão adequados neste momento de pendências que a cooperativa está passando. Acredita que, por agora, a cooperativa necessita sim de uma equipe mais jovem, mas entre 40 e 50 anos, pois são pessoas que estão interessadas em ver o crescimento do produtor rural e possuem maturidade em relação ao campo.

Além disso, a cooperativa não debate sobre o assunto, devido a existência de

contratempos considerados prioridade para serem resolvidos:

A cooperativa tem algumas pendências a serem resolvidas e a preocupação do momento não norteia em volta deste assunto, não significando que talvez não possa ser um assunto e/ou projeto futuro. (Entrevistada 2).

Outra dificuldade encontrada para dar início aos planos sucessórios é a falta de apoio da gestão. O presidente relatou que fica muito sozinho para tomar decisões na cooperativa, e isso está dificultando muito e o sobrecarregando. Somente o diretor comercial que o auxilia para debater sobre a realidade da instituição e buscar soluções para os diversos problemas que ela enfrenta. Essa falta de apoio dos diretores acaba interferindo na participação dos cooperados, consequentemente, na situação financeira.

Esses conflitos na gestão acontecem há anos e isso dificultou e ainda dificulta a realização de ações específicas para os cooperados, e, consequentemente seus sucessores:

Essa cooperativa ficou por 24 anos sendo comandada por pessoas que só visavam política e deixavam de lado o produtor rural.. Quando eu entrei para a diretoria, há 6 anos atrás, tinha muita sujeira, desvio de dinheiro e muita politicagem. Somente agora a cooperativa está se reerguendo. O problema é que aqui tem muita divergência, não há cooperação. Então o foco principal está sendo mesmo reestruturar a cooperativa e depois pensar em ações específicas para melhorar a situação dos cooperados. (Entrevistado 1).

Em vista disso, é possível dizer que a cooperativa não realiza ações específicas para a sucessão familiar rural devido aos obstáculos citados anteriormente. Em relação a cursos, como por exemplo, capacitação para jovens, cursos voltados para empreendedorismo feminino, educação financeira, educação no campo, assistência técnica, entre outros, a cooperativa não realiza nenhum. Nos estudos de Boessio *et al.* (2017), em uma cooperativa no Triângulo Mineiro (Patrocínio), as autoras identificaram que a cooperativa contém Núcleo de Mulheres e Núcleo de Jovens Cooperativistas, a fim de promover maior integração e estreitar os laços com a cooperativa, formando novos cooperados, e que tal ação encorajou os jovens a serem mais participativos.

Além disso, a cooperativa de Patrocínio concede bolsas de estudo em parceria com a Escola Agrotécnica, que apesar de ser uma boa iniciativa e envolvê-los, ainda precisa de ações específicas de sucessão familiar. Portanto, para envolver os jovens e incentivá-los a permanecerem no campo, é necessário um planejamento, mas oferecer cursos já faria uma diferença e poderia ser o começo de um envolvimento maior no futuro.

Em relação às ações que não são específicas para sucessão e/ou exclusivas para

jovens, mas que podem fazê-los adquirir conhecimento sobre a cooperativa, como por exemplo, ações que aproximem e/ou envolvam os familiares dos cooperados, a resposta é que são inexistentes.

Nós estamos tentando fazer, mas está difícil demais. Não estamos conseguindo investir nessa parte. Apesar de ter verba, é muito pequena para esse setor, não há nada. Confraternização nós fazemos de vez em quando. (Entrevistado 1).

No estatuto da *Cooper Agro*, um dos objetos sociais da cooperativa é promover eventose cursos com o objetivo de aprimoramento técnico e profissional dos associados e empregados, porém, como dito anteriormente, não há ações desse tipo. A importância dessas ações para incentivar os jovens a se interessarem na cooperativa pode ser vista nos estudos de Schuster (2021, p.31), em que 70% dos jovens que participaram dos cursos de formação de lideranças afirmaram que tal capacitação contribuiu para a decisão de permanecer na propriedade, portanto, a qualificação é um importante instrumento para a permanência no campo.

Na *Cooper Agro*, a entrevistada 2 relata que ações para envolver a família não são discutidas, mas a cooperativa oferece recursos quando necessários.

Como a cooperativa é voltada a comercialização e prestação de serviço, no momento não vejo brecha para um programa ou projeto que abrace a família inteira, não me vem à mente um tema que envolva toda a família, mas as oportunidades e recursos para o trabalho dentro da cooperativa, a ajuda e auxílio são sempre incentivados. (Entrevistada 2).

Nas pesquisas de Spanevello, Drebes e Lago (2011), a dirigente de uma das cooperativasesstudadas (Cotrisal) concorda que ações que envolvem toda a família, apesar de tratar a sucessão de forma indireta, são formas que podem manter os filhos nas propriedades. Dessa forma, a Cotrisal desenvolve ações com foco nas mulheres e nos filhos, e não apenas no homem chefe da família que é cooperado. Essas ações visam capacitação técnica e contam também comseminários, dias de campo, convênios com faculdades, entre outros auxílios, e essas ações contribuíram para o aumento do número de associadosjovens, pois percebem o benefício de ser sócio.

Ainda no estudo relatado acima, algumas cooperativas realizam ações em parceria com algumas instituições como SICREDI, SENAR, EMATER, seja com apoio financeiro e/ou social, para promover eventos para jovens, mulheres, família dos cooperados, auxílio técnico, etc. Essas parcerias são benéficas para a cooperativa, pois agregam às ações realizadas, com o conhecimento técnico e social que possuem. Tendo

em vista a importância de parcerias para a cooperativa, o presidente da *Cooper Agro*, ao ser questionado sobre ações que considera importantes para atrair os jovens, relatou que uma parceria com a EMATER está em seus planos.

A Emater tem feito um trabalho muito bom sobre isso, mas não está conseguindo trazer (os jovens). Uma hora eu até quero fazer uma reunião sobre isso, fazer uma parceria. Estou preocupado com isso, meu mandato termina agora, estamos em busca de um jovem para a diretoria, mas não estamos achando, estamos com esse dilema aí. (Entrevistado 1).

Portanto, a temática da sucessão está em seus planos e pretende ser abordada. Tendo em vista que a situação da cooperativa está tendo uma melhora financeira, mesmo que mínima, em comparação aos últimos 3 anos, há uma preocupação maior com a sucessão. Quando a pauta das reuniões ou conversas do dia a dia é eleição, o tema da sucessão é abordado visando uma escolha de uma chapa que contenha um público mais jovem para concorrer à próxima diretoria.

Estamos pensando sim (na sucessão). Ano que vem tem eleição, estou até chamando uma pessoa que vai me ajudar nesse segmento. É um grande homem, chamado Papa da Cana, e está interessado. Quero que ele participe para dar sequência caso eu não fique, ou me ajudar se eu continuar na presidência. (Entrevistado 1).

A falta de apoio familiar é ponderada como um aspecto importante também para que os jovens se sintam desmotivados com o campo.

Muitos pais, mesmo com o avanço do mundo e a inteligência da modernidade, estes ainda se lembram do sofrimento que passaram e da luta para chegar onde chegaram, mesmo se tratando de 50 anos atrás. Então por vivência, consigo identificar muito este critério, da luta, do quanto difícil é crescer no campo. (Entrevistada 2).

Rosa e Silva (2010) alcançaram como resultados em seus estudos, que 50% dos pais entrevistados não influenciam na escolha dos filhos sobre qual caminho seguir, enquanto somente 25,86% estimulam seus filhos a serem agricultores. Há ainda aqueles que estimulam somente os filhos homens nas atividades rurais e os que desestimulam a serem agricultores. Essa falta de estímulo familiar pode estar relacionada às dificuldades que os pequenos agricultores enfrentam, como também observado pelos entrevistados da *Cooper Agro*.

Posto isso, considera-se que a participação ativa dos pais nas atividades rurais pode influenciar nessa trajetória dos filhos. Segundo a Entrevistada 2, “os que

participam mais (cooperados), tendem a envolver mais os filhos ou familiares. Um pai ativo que promove atividade rural, muitas vezes é o incentivador e espelho para o filho”. Então, muitas vezes, com o incentivo começando no ambiente familiar, fica mais fácil a cooperativa desempenhar o seu papel.

Os benefícios que a cooperativa oferece ao seu quadro social, conforme informado pelos entrevistados, são: “O estímulo dos cooperados é vinculado aos três serviços que a cooperativa presta, fertilizante com melhor preço da região, máquinas para terra com melhor preço de hora trabalhada e o crédito oferecido junto a Usina Jatiboca.” (Entrevistada 2).

Nota-se que, considerando que as cooperativas agropecuárias tem o objetivo de desenvolver seus cooperados, seja com suporte financeiro, assistência técnica ou outros meios de oferecer auxílios para melhorar a produção, a *Cooper Agro* oferece benefícios para o seu quadro social, porém, de forma pontual, baseando-se somente na produção. Os fertilizantes são comercializados para os cooperados com várias formas de pagamento para que eles consigam comprar, porém, são vendidos pelo mesmo preço para terceiros.

O fertilizante é vendido para terceiros, mas sempre produtores rurais, amigos ou conhecidos de nossos cooperados. E quando o comprador não é um de nossos cooperados a condição é somente a vista. Já nossos cooperados podem comprar a prazo, dar cheque, dividir, comprar com o crédito da usina Jatiboca, assinar promissória, enfim, nosso cooperado não fica sem comprar por nenhum motivo. (Entrevistada 2).

A cooperativa ajuda financeiramente. Antigamente pagavam (os cooperados) juros para cortar cana, agora a cooperativa adianta o dinheiro de corte, e mesmo assim não está tendo muito interesse, não está dando efeito não. (Entrevistado 1).

Esse fato leva ao questionamento se os cooperados veem a *Cooper Agro* como uma empresa ou como uma cooperativa, pois, como exposto acima, mesmo com os benefícios oferecidos, não está sendo eficaz o interesse da família de incentivar os filhos a se tornarem novos cooperados. Levando essa falta de interesse em consideração, há a possibilidade de os filhos dos cooperados não se interessarem na cooperativa por não reconhecerem tantos benefícios, pois, apenas sendo produtor rural eles já conseguem comprar adubo. Se a cooperativa investir em ações que evidenciem a importância que ela tem para o cooperado, pode aumentar a fidelização do quadro social, como também aumentar o interesse de toda a família em participar.

Conforme Spanevello e Lago (2007), os jovens se sentem mais atraídos pelo

campo, quando a cooperativa propicia condições favoráveis e apresenta bons resultados.

Assim, o sucessor no processo de definição de sua futura profissão ao estar inserido em um ambiente em que encontra suporte e visualiza os resultados de seus projetos através da melhoria da produtividade, gestão, capacitação, participação, valorização e reconhecimento, encontra condições para que a decisão profissional de ser agricultor possa ser considerada mais relevante frente às demais. (Spanevello e Lago (2007, p. 13)

Lotério (2022) ressalta que para o bom funcionamento de uma cooperativa, independente do ramo, é importante que seus dirigentes e cooperados tenham uma compreensão profunda, pois é uma instituição que vai além dos resultados econômicos, sua riqueza é a excelência humana, visto que é uma associação de pessoas, e se não houver um plano de sucessão, ela está “fadada a morrer”. Para o autor, “é primordial para uma entidade cooperadora edificar sucessores”.

A organização aqui estudada possui 80 anos de existência e nunca colocou em prática um plano de sucessão. Tal questão se torna preocupante agora que seu quadro social está envelhecido. Para evitar esse tipo de situação, a cooperativa deve fazer um planejamento em longo prazo, pois é um processo complexo. Nesse sentido, Lotério (2022) alega que os tempos mudaram, é preciso ter planejamento, realizar ações de maneira antecipada e não ficar agindo no atraso.

Através de estratégias, a cooperativa elabora um plano de sucessão, que será importante para melhorar a visão estratégica sobre o “amanhã no campo e no mundo cooperativo”. Compreender as mudanças que a agricultura passa ao longo dos anos dá mais segurança à atividade familiar dos cooperados e, consequentemente, evita as migrações e os outros diversos problemas. (Lotério, 2022, p. 76).

Estratégias de disseminar informações sobre o cooperativismo e de investir em uma boa governança cooperativa tornam qualificadas as propriedades, pois há capacitação dos sucessores e isso leva ao sucesso dos mesmos e da cooperativa, pois os cooperados contribuem para a longa vida da organização. (Lotério, 2022, p. 77).

Lotério (2022) assegura que a família e o cooperativismo devem caminhar juntos desde o princípio, e a importância dessa relação não é somente para incentivar os jovens às atividades, mas também renovar a forma de produção. Conforme o autor, a agricultura precisa ser renovada ao longo do tempo.

A agricultura familiar requer cada vez mais gestão profissional e investimentos produtivos nas propriedades. Dessa forma, precisamos preparar não apenas os jovens cooperados e filhos de cooperados, mas também seus familiares para pensar uma agricultura jovem, de modo que possam estar à frente de suas

empresas com uma visão atual da atividade rural, gerindo bem seus negócios no contexto de uma economia moderna e dinâmica. (Lotério (2022, p. 79)

A partir dessas constatações, este estudo evidencia uma necessidade de planejamento de ações, mesmo que iniciadas de forma não tão específica para o grupo de jovens. Buscar profissionais capacitados na área é uma alternativa para a realização desses projetos, visando acompanhar as mudanças que a agricultura passa, e assim, auxiliar o produtor a renovar sua forma de produção e conseguir uma maior geração de renda. Ao longo desse processo, realizar ações que mostrem aos jovens o que é o cooperativismo, o funcionamento de uma cooperativa, os benefícios das atividades rurais, pode ser um grande passo também para despertar o interesse. Não somente para os jovens, mas ações destinadas a toda a família podem melhorar o envolvimento de todos nas propriedades e na cooperativa.

Conforme os estudos de Spanevello, Drebes e Lago (2011), ações que não estão ligadas diretamente à sucessão familiar, mas que podem influenciar na decisão dos jovens em permanecer no campo são: ações com foco familiar, para que todos os membros participem nas atividades; ações de formação socioeconômica produtiva; ações de formação técnica/profissional; ações que valorizem atividades rurais e o pequeno produtor; ações de diversificação da produção; ações educacionais; e ações focadas no lazer e qualidade de vida.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou demonstrar a importância das cooperativas agropecuárias no que diz respeito à sucessão familiar rural, tendo como estudo de caso uma cooperativa localizada na Zona da Mata mineira, com o objetivo de verificar se a instituição incentiva o envolvimento dos familiares e jovens a serem futuros cooperados. Desse modo, os dados obtidos revelam que não há nenhuma ação realizada nesta temática, destacando-se como dificuldades a baixa participação dos cooperados, baixo rendimento financeiro, falta de apoio familiar, falta de apoio dos próprios diretores para auxiliar na tomada de decisões do presidente e pendências e problemas como prioridade para serem resolvidos no momento.

Apesar da inexistência dessas ações, é perceptível a preocupação com o envelhecimento do quadro social, porém a diretoria ainda não se dedica ao planejamento dessa questão. Contudo, foi apontado que é um tema que será tratado no futuro. O próximo ano (2024) é ano de eleição na cooperativa, e há expectativas de que o cargo

será ocupado por alguém que levará essas discussões adiante. A presença de jovens na diretoria é algo que a cooperativa também está buscando, apesar de considerar difícil.

No momento há carência de quaisquer ações voltadas para esse segmento, não há nenhum curso, capacitações ou bolsas de estudos, que estimulem o interesse dos jovens a permanecerem no campo dando continuidade às atividades da propriedade familiar. Isso reforça a ideia de que é uma necessidade a realização desses projetos, pois o jovem, além de garantir a estabilidade do meio rural e da cooperativa por meio da agricultura, contribui com um enriquecimento de inovação e adaptação do trabalho. A capacitação das lideranças é um significativo fator para buscar compreender o interesse dos jovens e utilizar estratégias para promover a sucessão rural.

Os objetivos propostos no trabalho foram concluídos, apesar de os resultados demonstrarem uma fragilidade de ações oriundas da cooperativa, referente ao processo sucessório nas propriedades dos cooperados. É relevante destacar que a pesquisa foi um pouco limitante no que diz respeito ao número de entrevistados, porém, os dois que auxiliaram contribuíram para um resultado válido. Além disso, essa pesquisa teve como limitação o público-alvo, ou seja, foram considerados somente as observações da cooperativa. Sendo assim, um ponto a ser melhor aprofundado, é explorar as considerações sobre o tema através de entrevistas com os cooperados e seus filhos, tornando-se assim uma sugestão para estudos futuros.

Conclui-se que a cooperativa em estudo necessita fazer planos para preservar sua existência e renovar o seu quadro social no futuro. Esses planos sucessórios envolvem ações em longo prazo, porém, há ações que podem ser realizadas a curto/médio prazo, como por exemplo: investir em assistência técnica, cursos de capacitação, educação cooperativista, incentivo ao crédito rural, bolsas de estudo aos jovens, formação de comitês para envolver mais os cooperados à instituição, eventos que aproximem jovens e mulheres no dia a dia da cooperativa, projetos de gestão da propriedade, entre outros.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo; *et al.* Juventude e Agricultura Familiar: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: Unesco, 1998. Disponível em: <https://www.inesul.edu.br/site/documentos/juventude_agricultura_familiar.pdf>
- Anuário Coop, 2023. Disponível em <<https://anuario.coop.br/ramos/agropecuario/>> acesso em: 21/05/23.
- BOESSIO, A. T; DOULA, S. M. Sucessão Familiar e Cooperativismo agropecuário: perspectivas de famílias cooperadas em um estudo de caso no Triângulo Mineiro. Desenvolvimento em Questão, vol. 15, núm. 40, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/752/75251857017/75251857017.pdf>> acesso em: 26/05/23.
- BRASIL. Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1971.
- BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2006.
- BRIZOLLA, M. M. B; *et al.*. Sucessão familiar em propriedades rurais. Society and Development, v. 9, n.10, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9408>>
- BRUMER, Anita. Os jovens e a reprodução geracional na agricultura familiar. Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil, p. 215-233, Coleção juventude. Série estudos; n. 1, Brasília – 2014. Disponível em: <https://ww2.contag.org.br/documentos/pdf/ctg_file_2039627409_13082018150759.pdf> acesso em: 20/05/23.
- CANÇADO, A. C; GONTIJO, M. C. H. Princípios Cooperativistas: origens, evolução e influência na legislação brasileira. In ENCONTRO DE INVESTIGADORES LATINO-AMERICANO DE COOPERATIVISMO, 3, São Leopoldo, 2004. São Leopoldo: UNISINOS, 2004. 1 CD-ROM.
- COSTA, R. A; VIZCAINO, C. A. C; COSTA, E. M. Participação em cooperativas e eficiência técnica entre agricultores familiares no Brasil. Ipea, Brasília, 2020. Disponível em: <https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/201201_livro_uma_jornada_pelos_contrastes_do_brasil_cap17.pdf>
- DREBES, L. M. SPANEVELLO, R. M. Cooperativas agropecuárias e o desafio da sucessão na agricultura familiar. 2017, HOLOS, Ano 33, Vol. 02.
- FERREIRA, T. B; RODRIGUES, F. S; PEREIRA, J. A. Processo de sucessão rural na perspectiva de cooperativas, patriarcas e sucessores na Região Cone-Sul do estado de Mato Grosso do Sul. RGC, Santa Maria, v. 9, n 18, e15, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/rgc/article/view/68158/61620>>.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:
<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. 1995. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>>

GONÇALVES, J. E. Histórico do Movimento Cooperativista brasileiro e sua legislação: um enfoque sobre o cooperativismo agropecuário. 2011. Disponível em:
<<https://www.bibliotecaagptea.org.br/administracao/cooperativismo/artigos/HISTORICO%20DO%20MOVIMENTO%20COOPERATIVISTA%20BRASILEIRO%20E%20SUA%20LEGISLACAO%20UM%20ENFOQUE%20SOBRE%20O%20COOPERATIVISMO%20AGROPECUARIO.pdf>>

LOTÉRIO, Aínor Francisco. Relação do Cooperativismo com a sucessão familiar: análise, desafios, lições e estratégias preditivas. In: FORNECK, Elisandra; MAYER, Leandro; KERN, Gilvane. Cooperativismo e Associativismo em Santa Catarina no contexto da imigração alemã para o sul do Brasil. 2022. Disponível em:
<<https://oikoseditora.com.br/files/Cooperativismo%20e%20associativismo%20em%20SC%20-%20E-BOOK.pdf#page=65>>

LUDCKE, Menga. MARLI, A. A. D. E. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. Disponível em:
<https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2431625/mod_resource/content/1/Pesquisa%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Abordagens%20Qualitativas%20vf.pdf>

OLIVEIRA, W. M; FILHO, J. E. R. V. Sucessão nas fazendas familiares: problemas e desafios. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea 2018. Disponível em:
<https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8358/1/td_2385.pdf>

PORTO, D. R. Q, *et al.* Perfil dos Produtores Associados e Nível de Satisfação com os Serviços da Cooperativa Agropecuária de Itau Ltda. (COAPIL). Revista de Biologia e Ciências da Terra, vol. 6, nº 1, 2006. Disponível em:
<<http://joaootavio.com.br/bioterra/workspace/uploads/artigos/coapil-5181d1033d6d7.pdf>>

ROSA, C. I. L. F; SILVA, O. H. Sucessão Familiar e Cooperativismo: o caso da Cooperativa Cooperval. Revista Nupem, Campo Mourão, v. 2, n. 2, jan./jul., 2010. Disponível em:
<<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5072>>

SANTOS, Arthur Saldanha dos. Condições de juventudes rurais na contemporaneidade: da migração às políticas públicas. Revista Cadernos de Ciências Sociais, Recife, Ano VIII, volume I, número 14 – Jan – Jun, 2019. Disponível em:
<<https://www.journals.ufpe.br/index.php/cadernosdecienciasociais/article/view/3320/482483524>> acesso em: 20/05/23.

SANTOS, R.; KIELING, R. I. A Atuação do Jovem nas Cooperativas e a Sucessão Familiar no Agronegócio: O Caso do Programa Aprendiz Cooperativo do Campo na Cooperativa Triticola Mista Campo Novo. Pleiade, 14(30): 48-60, Jan.-Jun., 2020. Disponível em: <<https://pleiade.uniamerica.br/index.php/pleiade/article/view/656/741>>

SCHUSTER, T. M.. Educação cooperativista e sucessão familiar: um estudo de caso no oeste de Santa Catarina. Chapecó, 2021. Disponível em:
<<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/4913/1/SCHUSTER.pdf>>

SPANEVERELLO, R. M; DREBES, L. M; LAGO. A influência das ações cooperativistas sobre a reprodução social da agricultura familiar e seus reflexos sobre o desenvolvimento rural. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea 2011. Disponível em:
<<https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area7/area7-artigo58.pdf>>

SPANEVERELLO, R. M; LAGO, A. As cooperativas agropecuárias e a sucessão profissional na agricultura familiar. Londrina, 2007, Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural.

ZANCO, A. M; CORBARI, F; ALVES, A. F. Conexão entre Agricultura Familiar e Cooperativismo. Revista Orbis Latina, vol.9, nº 1, Foz do Iguaçu/ PR (Brasil), Janeiro – Junho de 2019. Disponível em:
<<https://revistas.unila.edu.br/orbis/article/view/1518/1413>>

APÊNDICE – ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. A cooperativa tem algum projeto de sucessão familiar, para que os herdeiros dos cooperados sejam futuros cooperados? Se sim, qual? Se não, por quê?
2. O quão importante é, em sua opinião, a cooperativa se preocupar com o futuro do seu quadro social, considerando que 85% dele é composto por idosos?
3. Quais as dificuldades a cooperativa encontra em iniciar um projeto de sucessão familiar rural?
4. Como é o vínculo dos cooperados com a cooperativa? E dos filhos?
5. Acha que o envelhecimento dos associados pode afetar negativamente a continuação da agricultura e consequentemente a existência da cooperativa?
6. A cooperativa realiza ações para os familiares dos cooperados, a fim de envolvê-los na cooperativa? Se sim, quais? Qual importância você vê nessas ações?
7. A cooperativa se preocupa em fazer uma ação de divulgá-la para os familiares?
8. Quais os fatores, em sua opinião, interferem para que os filhos dos cooperados não se envolvam nas atividades rurais e na cooperativa?
9. Você acha que a participação dos cooperados interfere no envolvimento dos filhos?
10. O que a cooperativa faz para estimular a participação dos cooperados?
11. A situação financeira interfere na participação dos cooperados?
12. A cooperativa possui alguns comitês para unir cooperados em regiões mais próximas?